

Vaqueiro-mãe: materialidade do discurso médico-midiático sobre José João da Conceição, o homem que deu à luz no sertão de Alagoas em 1966.

Benan Liel de Moraes Silva ¹
Marcos Ribeiro Mesquita ²

INTRODUÇÃO

Este trabalho contará e registrará a história de José João da Conceição, o vaqueiro que deu à luz na caatinga alagoana, em 1966, ganhando a imprensa país afora e pautando a discussão sobre se poderia um *homem parir*. O acervo se vale de recortes de jornais de 7 cidades, em 6 estados, a maioria disponível na Hermeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital). Além de exemplares físicos dos arquivos públicos do Museu de História Nacional, em São Paulo, e da Biblioteca Estadual Graciliano Ramos, em Alagoas. Bem como de exemplares digitalizados de cordéis, escritos sobre o caso entre 1966 e 1967, selecionados com base em busca feita por palavras-chaves nos documentos. A partir do acervo descrito e com base num compromisso ético-político de não revitimização, analisaremos como o discurso médico-midiático (Moraes Silva, 2024) apresentou à audiência fatos pontuais da vida de João, compondo a figura simbólica do “Vaqueiro que virou mulher ao dar à luz”.

Baseados numa bibliografia prioritariamente relativa às transmasculinidades, à teoria queer e a conceitos como os de bio e necropolítica, analisando ainda quais os efeitos práticos desta construção fictícia na vida material de João, debatendo também quais seriam os impactos aos postulados sociais do período, e como, ao questioná-los, João expôs a arbitrariedade fundante da cisheteronorma, levando-o a ser exposto e vulnerabilizado.

PESQUISA

A pesquisa surge do questionamento “*onde estariam as transmasculinidades na história brasileira?*”, ou mais situadamente, “*E no nordeste? Em Alagoas?*”. Partindo da invisibilização sócio-histórica apontada por autores e ativistas, a proposta da pesquisa se fundamentou em encontrar registros transmasculinos na história e, se possível, inseridos no

¹ Mestrando em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, benmoraipsi@gmail.com; transmasculino, nordestino, pcd, neurodiverso, artivista pelos direitos humanos e tio de dois serumaninhos lindos.

² Doutor em Psicologia Social pela PUC-SP e professor dos cursos de graduação e pós-graduação em psicologia da Universidade Federal de Alagoas. marcos.mesquita@ip.ufal.br

nordeste, visto que as masculinidades aqui, parecem ainda menos possíveis para indivíduos como nós.

Conheci o Vaqueiro por meio de duas reportagens, de anos, veículos e fontes diferentes, mas que possuíam um fator em comum: o mesmo indivíduo – potencialmente transmasculino. A partir do conteúdo destas reportagens, busquei mais indícios de sua existência. Encontrei primeiro dois cordéis e duas páginas de jornal em péssima qualidade; destes, parti a procurar pessoas que soubessem da sua existência ou mesmo tivessem ouvido falar. Com poucas fontes, e mesmo nestas, a concordância em informar uma agressividade e um isolamento social, eram exacerbados³. Inseri então uma série de palavras-chaves no buscador do acervo da Hermeroteca da BNDigital, vasculhando o período de agosto de 1966 a 1970 nos veículos disponíveis em 2023. Resultando numa série de 24 reportagens, crônicas, colunas e charges, que circularam em 15 veículos de imprensa diferentes.

Apesar das fontes numerosas e distintas, vale ressaltar a imprecisão das informações encontradas, visto que, por mais detalhadas que fossem as fontes, não conseguiram entrar em consenso sobre coisas simples como, por exemplo, o nome do dito cujo ou o gênero de sua criança. Mantendo o compromisso ético-político, antes de adentrarmos às nuances sobre João e o discurso veiculado a seu respeito, é importante ressaltar que João não será, nesta pesquisa, tratado como um *homem trans* (Almeida, 2012), pois este termo não era uma possibilidade para os contextos vivenciados por ele.

JOSÉ JOÃO DA CONCEIÇÃO E O VAQUEIRO-MÃE

José João da Conceição, 19 anos, era um jovem lavrador, vaqueiro e amansador de burro bravo, mão-de-obra disputadíssima, em 1966, no interior do povoado de Lages do Caldeirão, zona rural de Palmeira dos Índios, agreste alagoano. Ia ao forró, paquerar as meninas da região, apostava seu suado ordenado em boas partidas de baralho, bebia a sagrada pinga com seus companheiros no botequim e, ao fim da noite, voltava para o abrigo da casa de um só cômodo em taipa batida, que partilhava com seus dois irmãos. Vivia uma boa vida, até o dia 21 de agosto de 1966, onde depois de meses de uma “inchação”⁴ contínua, o rapaz teve uma intensa dor de barriga, e tomando o mais forte laxante da região e foi-se para o mato. Mais tarde, estranhando a demora do irmão, Maria da Conceição e um par de vizinhos,

³ Tamanho que ainda não foi possível precisar se ele ainda estaria vivo.

⁴ “Barriga-d’água” (esquistossomose) era uma condição muito comum na região, em qualquer idade ou gênero.

partiram em sua procura, encontrando-o, meio desfalecido, próximo ao riacho, com um bebê, ainda preso ao cordão umbilical, aninhado em seu colo.

Ou, ao menos, foi a história que consegui subtrair das muitas publicações. Ao todo, foram 14, as diferentes formas usadas para se referir a José João da Conceição, esta que parece ser a forma como fora nomeado pela mãe e autorreferenciado, critérios estabelecidos para nomeá-lo aqui. E, ainda que a transmasculinidade não tenha sido uma opção conceitual possível em Lages do Caldeirão, 1966, as experiências vivenciadas por João, antes, durante e depois do parto, podem ser analisadas e circunscritas no espectro das transmasculinidades. Pois, ao ter seu parto noticiado tão esdruxulamente, João alcançou um feito que, ainda que marcado pela violência, fez boa parte do país discutir *a possibilidade de um homem com útero existir*.

A análise proposta visa entender os impactos do discurso médico-midiático sobre a vida material de João e sobre o imaginário coletivo, a partir da figura criada por este discurso: o “Vaqueiro que deu à luz”. Pontuaremos ainda que, como Caio Tedesco (2022), Léo Tenório e Luck Palhano (2020) informam, não parece ter havido um caso anterior a este período, no Brasil, sobre uma figura que pudesse ser lida no espectro das transmasculinidades, nem de tamanha repercussão, visto que os registros vêm de quatro regiões distintas do país.

Pontuaremos ainda como se dá a (des)construção da masculinidade de um indivíduo que está inscrito historicamente num contexto tão árido quanto o clima comum a ele, destacando ainda que, mesmo no discurso médico-midiático, João é sempre descrito com base em “temperamentos”, “comportamentos”, hábitos e termos masculinos. Seus parentes e vizinhos também o referenciam neste campo. E mais que isso – e nesta pesquisa este é fator mais importante –, João não fala de si externo à masculinidade.

Discutiremos ainda a suposta condição biológica inata (Butler, 2023, Preciado, 2018, Carvalho e Jesus, 2021), atrelada – ou não – ao corpo de João, com apoio de bibliografia composta prioritariamente por escritos de transmasculinidades e das teorias queer. Analisaremos também as possíveis razões de tamanha repercussão. Visto que, ao ser arrancado do espectro da masculinidade hegemônica, João não apenas desestruturou sua própria vida, mas questionou a arbitrariedade fundante cismotivativa (Pfeil e Pfeil, 2023), onde socialmente delimitamos as masculinidades e feminilidades.

Precisamos, no entanto, marcar que a discussão não se limitará a uma possível performance (Butler, 2003) ou identidade de gênero de José João, mas às estruturas que tornaram possível ao caso de João circular país afora. Discutiremos que tipo de “mentira”

teria sido contada por João, para motivar essa sanha desgarrada para “revelar” a suposta “verdade” (Foucault, 2012), esta que João não poderia oferecer sobre si mesmo. Faremos ainda um paralelo com o caso midiatizado de Lourival Bezerra de Sá (Araújo, 2020) que em 2018, morreu de causas naturais, mas acabou preso em um necrotério, por mais de 5 meses, para que se “descobrisse a verdade” sobre sua identidade. Nos deteremos também numa análise de como e porque esse discurso sobre verdade se instala e violenta indivíduos inscritos nas transmasculinidades, há pelo menos 60 anos. Destrincharemos os caminhos simbólicos desde o João real, que efetivamente pariu sozinho na caatinga ao “Vaqueiro” proposto pelo aparato necropolítico (Mbembe, 2018) médico-midiático, de como ele passa de uma notícia incomum, a uma vítima da desinformação e da miséria, à condição de falsário enganador e daí à abjeção, onde é estabelecido.

E, por fim, discutiremos, porque esse homem, mesmo diante de tanta violência, insiste em manter-se inscrito no espectro da masculinidade (Freitas Silva, 2015), mesmo este com claros sinais de não ser capaz de comportá-lo ou que mesmo deseje fazê-lo. Afinal, como argumentam Bruno e Cello Latini Pfeil (2021), enquanto escondidos pelo manto protetor da *passabilidade*, João, Lourival, eu ou a maioria dos autores aqui citados, permanecemos seguros, inseridos n“A apresentação de uma leitura social cisgênera e heterossexual [que nos] protege de determinadas violências e leva à ocorrência de outras. (Pfeil e Pfeil, 2021, p.171)”. Encobertos pela masculinidade, podemos até começar a acreditar fazer parte desse mundo, incógnitos e camuflados no cistema (Tedesco, 2022), de modo a não nos darmos conta de que: “(...) a necessidade de ser lido como homem cis para ser respeitado é, por si, uma opressão. (Pfeil e Pfeil, 2021, p.167)”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o primeiro recurso necropolítico encontrado por esta pesquisa, o discurso médico-midiático, através de sua opinião *imparcial* e *neutra*, arranca de João sua própria identidade, metade de seus suados ordenados e sua humanidade, vulnerabilizando-o e violentando-o por simplesmente *ser*. E aqui, é preciso que se diga, João demonstrou triplamente mais coragem que seus agressores. Ao menos 13 anos depois de parir seu filho, sozinho, no meio da caatinga, ele se mantinha firme e coerente em sua defesa de si mesmo. João só sofreu toda essa violência, porque continuou resistindo ao cistema, teimando em *existir*, ele seguiu denunciando, enquanto corpo-político que somos, o quão real e fictício o gênero é, o seu e o dos outros: a mais máscula performance de João não pôde mantê-lo seguro

na masculinidade, embora nada, além da própria gravidez motivadora disso tudo, tivesse o posto, tampouco, na feminilidade. Deste *não-lugar*, João se tornou um *não-ser* e daí a sofrer sequestro, tentativas de assassinato, violências múltiplas e ser despejado de casa com um bebê no colo, não foi um passo assim tão longo. Discurso é ação. É político e se materializa. Se solidifica em violência. Quem atentou contra a vida de João têm responsabilidades a assumir, mas as pessoas que tornaram o corpo de João externo à norma, desimportante, descartável, abjeto, também tem.

No entanto, a resistência também se solidifica. João resistiu. Bravamente. Já, Lourival? Ah, Lourival ousou: ele viveu! Morreu de velhice, veja só! Talvez as pessoas cis não considerem isso como um grande feito, mas este trabalho não foi feito pra elas. E se você sabe a importância desse feito, espero que ele se estenda a você também, porque isso já é muito mais que o que posso dizer das abreviadas vidas de Anderson Hezer, Demétrio Campos, Agnes Lemos, Paulo Vaz e tantos outros. A violência, quando encontra corpos vulnerabilizados, não costuma nos dar muita chance de seguir adiante. E ela sempre encontra caminhos para nos encontrar. Se expressa e se infiltra desde o discurso necropolítico cisnormativo, em cada uma das nossas muitas estatísticas de auto-extermínios e tentativas, automutilações e comprometimento em saúde mental (IBRAT, 2024). Nos corroendo em silêncio (Pfeil e Pfeil, 2023), na penumbra.

A coragem e a resistência de João precisam ser celebradas, para muito além do signo que a mídia fez dele, João nos mostrou, mesmo sem que jamais tê-lo visto, que *ser* é imperativo. E sê-lo apesar das oposições, é ainda mais. E apesar de não podermos nomeá-lo como tal, as transmasculinidades aparecem, para pessoas como João, Lourival, eu e tantos outros supracitados e anônimos, oferecendo possibilidades outras de existência que não estão de acordo com a norma vigente, mas que podem transpassá-la. Transformá-la em algo onde a vida de alguém como nós, não precise ser limitada pela biologia.

Palavras Chaves: Discurso médico-midiático. Masculinidade. Transmasculinidade. História LGBTQIAPN+.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Guilherme. “Homens Trans”: Novos Matizes na Aquarela das Masculinidades? **Estudos Feministas**. Florianópolis, 20(2): 513-523, maio-agosto, 2012.

ARAÚJO, Jo. “O Segredo de Lourival”: Uma Netnografia sobre Corpo, Dissidências e Nortavidades em Mato Grosso do Sul. Dissertação de Mestrado. Dourados: **UFGD**, 2022.

BUTLER, J. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão de Identidade. 10^a ed. São Paulo: **Civilização Brasileira**, 2003.

_____. Desfazendo Gênero. 1^a ed. São Paulo: **Editora Unesp**, 2022.

CARVALHO, Murillo Medeiros. JESUS, Jaqueline Gomes de. O viés da ciência na subalternização de identidades e (im)possibilidades epistêmicas na biologia. In V Seminário Internacional Desfazendo Gênero. Campina Grande: **Realize Editora**, 2022.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: **Edições Loyola**, 2012.

FREITAS SILVA, Natanael. Historicizando as Masculinidades. história, histórias. Brasília: **Edições Loyola**, vol. 1, n. 5, 2015.

IBRAT; PFEIL, Cello Latini (Org). Observatório Anderson Hezer (OAH): relatório das mortes e violências contra as transmasculinidades em 2023. Curitiba, PR: **Instituto Brasileiro de Transmasculinidades**, 2024.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte, 1^a ed. São Paulo: **N-1 Edições**, 2018.

MORAIS SILVA, Benan Liel. Discurso médico-midiático sobre o corpo, o gênero e a performance de José João da Conceição (1966 a 1979): IN [In]Desejáveis: LGBTQIA+ e Feminismos na imprensa de Alagoas (século XX). Org. VERAS, Elias F., SODÓ, Roberta S.. 1^a ed. Maceió: **Edufal**, 2024.

PFEIL, Bruno Latini; PFEIL, Cello Latini. Da Sombra da Cisgeneridade a Subjetivações Transmasculinas: IN Corpos Transitórios: narrativas transmasculinas. Org. PFEIL, Bruno et al. 1^a ed. Salvador: **Ed. Diálogos**, 2021.

_____. O pacto narcísico da cisgeneridade. Revista Estudos Transviades, 2023. Disponível em: <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/ensaios-columnas/>. Acesso em: dezembro de 2023

PRECIADO, Paul B. TestoJunkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmarcopornográfica. 4^a ed. São Paulo: Ed. **N-1 Edições**, 2018.

TEDESCO, Caio. Não se nasce Homem, torna-se: A emergência das Transmasculinidades e o Espaço Biográfico de João Nery (1950-1988). Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: **UFRS**, 2022.

TENÓRIO, Leonardo F. P.; PALHANO, Luciano. Breve Histórico das Transmasculinidades no Brasil no séc. XX e início do séc. XXI. **Revista Estudos Transviades**, v.1, 2020.